

## A sinfonia do Sabonete Araxá

Carlos Eduardo Bione  
Duvennie Pessôa  
Hugo Albuquerque  
Jonathan Gueiros Reinaux \*

---

Resumo:

Este trabalho propõe uma análise dos aspectos intertextuais e autotextuais do poema de Manuel Bandeira - *Balada das Três Mulheres do Sabonete Araxá*, publicado no livro *Estrela da Manhã*, 1936, logo após a obra *Libertinagem*, 1930.

---

### Balada das Três Mulheres do Sabonete Araxá

**A**s três mulheres do sabonete Araxá me invocam, me bouleversam, me hipnotizam.

Oh, as três mulheres do sabonete Araxá às 4 horas da tarde!

O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!

Que outros, não eu, a pedra cortem

Para brutais vos adorarem,

Ó brancaranas azêdas,

Mulatas cor da lua vêm saindo cor de prata

Ou celestes africanas:

Que eu vivo, padeço e morro só pelas três mulheres do sabonete Araxá!

São amigas, são irmãs, são amantes as três mulheres do sabonete Araxá?

São prostitutas, são declamadoras, são acrobatas?

São as três Marias?

Meu Deus, serão as três Marias?

A mais nua é doirada borboleta.

Se a segunda casasse, eu ficava safado da vida, dava pra beber e nunca mais telefonava.

Mas se a terceira morresse... Oh, então, nunca mais a minha vida outrora teria sido um festim!

Se me perguntasse: Queres ser estrela? queres ser rei? queres uma ilha no Pacífico?

um bangalô em Copacabana?

Eu responderia: Não quero nada disso, tetrarca. Eu só quero as três mulheres do

sabonete Araxá:

O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!

Teresópolis, 1931.

---

\* Trabalho realizado para a disciplina Teoria da Literatura I, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Sônia Ramalho, em 1999.1.

O poema tem como temática uma brincadeira com o cartaz do sabonete Araxá que Manuel Bandeira viu em uma venda numa tarde em Teresópolis, Rio de Janeiro. A partir do contato com a propaganda, o autor resolveu escrever a poesia sobre um fato meramente cotidiano que passava despercebido aos olhos dos homens comuns.

Ao longo do processo de criação, Bandeira parodiou os cânones parnasianos propositadamente desde o momento em que recortou uma trivialidade e dedicou-lhe tratamento poético. O produto final foi uma adequação de fragmentos de poetas lidos por Bandeira, criando *intertextualidade*; além de poemas seus - *intratextualidade* ou *autotextualidade* - que também fizeram parte da composição da Balada, provocando inevitavelmente uma polifonia.

Numa primeira leitura constata-se que o poeta, de fato, parodiou o fazer poético parnasiano ao utilizar uma linguagem coloquial, versos na íntegra ou não de outros autores, barbarismo (*bouleversam* do francês *bouleverser* - agitar o espírito), o campo semântico do baixo em contraposição à “*Torre de Marfim*” dos parnasianos e versos sem rima e sem metrficação. Contudo, numa análise paradigmática, percebe-se um tom parafrásico – semelhança que guardam românticos e parnasianos - talvez remanescente de sua prática parnasiana anterior à adesão ao modernismo, quando coloca a figura feminina numa posição inacessível.

Bandeira introduz o poema apropriando-se do conceito de balada. O título nos remete a estilização do gênero quando o autor atualiza a acepção arcaica do termo que significa: “antigo gênero popular norte europeu com versos fixos, divididos em três estrofes com rimas recorrentes e refrão idêntico para cada parte.” (Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa da Enciclopédia Mirador). A “Balada das Três Mulheres do Sabonete Araxá” conta com seis estrofes variando no número dos versos. Apesar de manter o refrão: “As Três Mulheres do sabonete Araxá”, este não se encontra no final de cada estrofe.

O poeta não se preocupa em lapidar o poema em busca da forma ideal, pelo contrário, a construção do texto é em tom prosaico, rompendo com a estrutura formal e estanque parnasiana e, por isso mesmo, causa estranhamento ao leitor que não está acostumado à não-liberalidade da forma, e sim a sua previsibilidade.

Não há rimas na balada do sabonete Araxá, porém o fato de o poema não ser metrificado não exclui o ritmo, que se estabelece através da organização das palavras além das figuras de efeito sonoro, como aliteração, criando musicalidade em alguns versos: “São *prostitutas*, são *declamadoras*, são *acrobatas?*/São as *Três Marias?*/Meu Deus *serão* as *três Marias?*”

A intenção parodística de Bandeira não se apresenta apenas na construção formal do poema, mas se conserva e se renova na pluralidade de apropriações de fragmentos de outros autores através de um processo de bricolagem, conforme já assinalou Brayner (1980) em estudo sobre o poema. Daí resulta o dialogismo latente na balada. Inicia sua conversa com outros textos reelaborando versos de “*Profissão de Fé*” do hipérbato de Olavo Bilac (apud Gama e Melo, 1965), ícone do parnasianismo: “Que outro - não eu! - a pedra corte / Para, brutal, / Erguer de Atene o altivo porte / Descomunal”, resultando: “Que outros, não eu, a pedra cortem / Para

brutais vos adorarem, / Ó brancaranas azêdas,“. O fato de ele ter se apropriado de Bilac, inserindo-o numa estrutura avessa ao esmero da forma parnasiana, evidencia ainda mais seu tom irônico na intenção de parodiá-lo.

Numa tentativa extrema de parodiar esta forma, Bandeira insere até um samba, estilo de música de origem popular, para ir de encontro ao *topos* da *Torre de Marfim*, notadamente com o intuito de perturbar sua estrutura clássica. O samba escolhido foi o de Lamartine Babo, “Luar cor de Prata”, do carnaval de 1931 (“A lua vem saindo cor de prata, cor de prata, cor de prata / Que saudade da mulata!”), este presente no 4º. verso da 2ª. estrofe: “Mulatas cor da lua vem saindo cor de prata”.

Castro Alves também é chamado a participar da sinfonia do maestro Bandeira quando este, no verso: “A mais nua é doirada borboleta”, utiliza-se de uma paranomásia ao nível de composição, aproximando o som da palavra “lua”, do “Navio Negreiro”, de Castro Alves, ao da palavra “nua” do seu poema. Também no mesmo verso adota a expressão “doirada borboleta” para manter a polifonia.

Convidado ilustre, o bardo inglês William Shakespeare que “daria o seu reino por um cavalo” é aludido por Bandeira ansioso de possuir as três mulheres do sabonete no verso: “O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá” numa referência explícita à obra “Ricardo III”, mais precisamente na cena 6 do 5º ato.

Num sentido mais amplo, a balada parodia o poema de Luís Delfino “As três irmãs” em que o autor trata do amor que sente por três irmãs idealizadas e inacessíveis bem ao gosto romântico. Mais amplo por não se limitar à apropriação de fragmentos, mas da temática. Delfino poetisa em cima de uma emoção-clichê, três relações femininas de caráter amoroso e Bandeira transfere esta idéia triádica de sentimento para o seu poema num registro prosaico, construindo uma gradação do mais fraco ao mais forte: amiga x irmã x amante.

O autor ainda faz uso das figuras de linguagem durante todo o poema com o mesmo intuito de provocar estranhamento no receptor. Na 1ª. estrofe, 3º. verso, metáfora de tudo que é caro ao autor: “O meu reino pelas três mulheres do sabonete Araxá!”. Na 2ª. estrofe, 6º. verso, encontra-se hipérbole em: “... *morro* só pelas três mulheres do sabonete Araxá”. Anáfora com a repetição do verbo *ser* na 3ª. estrofe: São prostitutas, são declamadoras, são acrobatas? / São as três marias?”. Ainda na 3ª. estrofe, há gradação para o clímax no 1º. verso quando parte de *amiga* e chega à *amante* na tentativa de descrever as mulheres; e gradação anticlímax na 6ª. estrofe partindo de *estrela* até *bangalô*: “Se me perguntassem: Queres ser estrela? queres ser rei? queres uma ilha no Pacífico? um bangalô em Copacabana?”. Na 5ª. estrofe identifica-se anacoluto: “Oh, então, nunca mais a minha vida outrora teria sido um festim!” e elipse da palavra *mulher* e do pronome *tu*. Finalmente, Bandeira utiliza metonimicamente os substantivos Pacífico e Copacabana numa referência ao oceano e ao bairro do Rio de Janeiro, respectivamente.

Por outro lado Bandeira também faz uso da intratextualidade ou autotextualidade quando sugere, na camada manifesta do poema, a mesma imagética utilizada na construção de “Pneumotórax” e “Vou-me Embora Pra Pasárgada”. No poema “Vou-me Embora Pra Pasárgada”, identifica-se o código do erotismo nos versos: “Tem prostitutas bonitas / Para a gente namorar”, já na Balada o mesmo código é encontrado

no 1º. verso da 5ª. estrofe: “A mais nua é doirada borboleta”, sendo o termo *borboleta* textualmente polissêmico, pois este comporta outras acepções, uma das possíveis seria: borboleta = mariposa / meretriz. Outro código que também está presente nos dois poemas é o topológico. No primeiro poema, o próprio título já faz alusão a um lugar deveras desejado pelo poeta, *Pasárgada*. No segundo, apesar de sugerir a oferta de um lugar perfeito: “Uma ilha no Pacífico” e “Um bangalô em Copacabana”, o autor os recusa satisfazendo-se apenas com os devaneios: “Só quero as três mulheres do sabonete Araxá”.

Em relação ao poema “Pneumotórax”, a intratextualidade ocorre no nível mnemônico, ou seja, na camada latente; Bandeira usa a mesma idéia da construção: “A vida inteira que podia ter sido e não foi” como plano central da Balada, pois a inacessibilidade e inviabilidade de realização de desejos frutivos estão presente em ambos os poemas. No primeiro, com a descoberta da doença, o autor se arrepende de tudo que deixou de fazer na vida e que agora com a morte próxima não pode mais fazer. No segundo, a idéia de não poder possuir as mulheres do sabonete Araxá o consome a tal ponto que Bandeira poderia dar tudo que tinha na vida pelas três mulheres: mais uma vez é o não poder fruir a vida como deveria que centraliza a temática dos poemas.

Pode-se identificar campos semânticos e códigos semelhantes permeando os três poemas citados. Em “Vou-me embora pra Pasárgada” a autotextualidade está no nível sintagmático, pois a idéia está explícita textualmente em ambos: “Lá tenho a mulher que eu quero” e “Só quero as três mulheres do sabonete Araxá”; ao contrário do processo que ocorre com “Pneumotórax”: intratextualidade paradigmática.

#### Uma Paródia em Tom Parafrásico

Por que será que Bandeira não toca nas três mulheres? Por que ele permanece se perguntando quem são elas, oscilando entre a possibilidade de serem prostitutas ou Marias?

O tom parafrásico aparece sutilmente nessa nítida inacessibilidade da mulher. Para os parnasianos, ou a mulher era a própria encarnação do diabo, tentando aviltar sábios e filósofos e sempre sendo rechaçada, ou era a imagem da pureza e santidade perfeita, inatingível pelo ser humano comum e, portanto, também inacessível.

No poema de Bandeira, a paráfrase ocorre porque o poeta é incapaz de possuir as três mulheres que, embora não sejam idealizadas, são inacessíveis. Mas Bandeira não deixa claro no poema se as mulheres são ou não ideais, tudo é ambíguo e ficam sem respostas as indagações do autor acerca da divindade ou do caráter profano das mulheres do sabonete Araxá. Na 4ª. estrofe, contingente de um verso, Bandeira se mostra surpreso com a possibilidade das três mulheres serem as três Marias - Maria, mãe de Jesus, Maria Madalena, e Maria, irmã de Lázaro - ícones cristãos, outra possível interpretação seria as três estrelas da constelação de Orion e ainda a imagem triádica feminina do poema “As três irmãs” de Luís Delfino; logo o verso: “Meu Deus, serão as três Marias?” assume uma postura polissêmica. Ironicamente, Bandeira faz alusão ao alto e sagrado através das figuras femininas santificadas, sem, contudo, conseguir trazê-las para perto de si ao longo de todo o poema.

Essas três Marias são a constelação que Manuel Bandeira, inconscientemente ou propositadamente, traz à tona em oposição a sua tentativa de desconstelizar a temática parnasiana, usando um estilo prosaico contrapondo-se, portanto, ao molde poético do Parnasianismo.

#### Referências Bibliográficas

- ALVES, Castro (1998). *Espumas Flutuantes e Outros Poemas*. São Paulo, Ática.
- BANDEIRA, Manuel (1961). *Antologia Poética*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, pp. 95-96.
- BARTHES, Roland (1971). *Aula: Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de Franca pronunciada em 07 de Janeiro de 1971*. São Paulo, Cutrix.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo (1992). *Dicionário Contemporâneo de Português*. Petrópolis. Vozes.
- BRAYNER, Sônia (1980). O "humour" Bandeiriano ou As Histórias de um Sabonete". In COUTINHO, Afrânio, org. *Fortuna Crítica de Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira.
- ENCICLOPÉDIA Mirador (1979). *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo.
- FARACO e MOURA (1995). *Língua e Literatura*. São Paulo, Ática.
- GAMA e MELO, Virginius (1965). *O Alexandrino Olavo Bilac*. João Pessoa. Imprensa Universitária da UFPB.
- GOLDSTEIN, Norma (1986). *Versos, Sons, Ritmos*. São Paulo, Ática.
- PRAGANA, Marta Dantas (1991). *Pesquisa em Sociocrítica e Lírica*. Dissertação de Mestrado. Recife, UFPE.
- PROENÇA FILHO, Domicio (1990). *A Linguagem Literária*. São Paulo, Ática.
- SANT'ANNA, Affonso Romano (1988). *Paródia, Paráfrase & Cia*. São Paulo, Ática.
- TEIXEIRA, Ivan (1998). *Formalismo Russo. Cult.* São Paulo. n.13. pp.36-39. Ago.
- WELLS, Stanley; TAYLOR, Gary (1988). *William Shakespeare, The Complete Works*. Compact Edition. Oxford. Clarendon Press.

## ANEXO

Vou-me embora pra Pasárgada  
 Vou-me embora pra Pasárgada  
 Lá sou amigo do rei  
 Lá tenho a mulher que eu quero  
 Na cama que escolherei

.....  
 Vou-me embora pra Pasárgada  
 Aqui eu não sou feliz

.....  
 Tem prostitutas bonitas  
 Para a gente namorar

.....  
 (M. Bandeira - *Libertinagem*)

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispinéia e suores  
 noturnos  
 A vida inteira que podia ter sido e não  
 foi.  
 Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

- Diga trinta e três.
- Trinta e três ... trinta e três ... trinta e três...
- Respire.

- .....
- O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.
  - Então, doutor, não é possível tentar o pneumotórax?
  - Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

(M. Bandeira - *Libertinagem*)

O Navio Negreiro  
 Tragédia no mar

" 'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço

Brinca o luar - doirada borboleta -  
 E as vagas após ele correm ... cansam  
 Como turba de infantes inquieta."  
 (Castro Alves - *Os Escravos*)

Ricardo III  
 (Act 5 scene 6)

KING RICHARD

A horse! A horse! My kingdom for a horse!

CATESBY

Withdraw, my lord. I'll help you to a horse.

KING RICHARD

Slave, I have set my life upon a cast,  
 And I will stand the hazard of the die.  
 I think there be six Richmonds in the field.

Five have slain today, instead of him.  
 A horse! A horse! My kingdom for a horse!"

(William Shakespeare)

As três irmãs

"Se a segunda casasse, eu mesmo iria a igreja,  
 Levá-la pela mão:  
 Dir-lhe-ia: O céu azul virar-te aos pés  
 deseja  
 O meu amor de irmão.

.....  
 Se a terceira morresse, em seu caixão  
 deitada,  
 Sem que eu chorasse, iria,  
 Porque noutro caixão, ó minha morta  
 amada.

Alguém te seguiria..."

(Luís Delfino)